

## BREVE ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A VISÃO DO PROFESSOR.

Talita Cristina de Oliveira Souza<sup>1</sup>

Jônatas Andrade de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a importância da contação de histórias na educação infantil a partir da ótica do profissional que estuda e utiliza tal prática. Expor possíveis técnicas pedagógicas a partir dessa prática, e ainda mostra-la como influenciadora no gosto do sujeito pela leitura. Para tanto foi utilizada como metodologia uma pesquisa qualitativa a partir de análise bibliográfica, além de entrevista estruturada com duas professoras que trabalham com infância e literatura, foi utilizado como referência metodológica Fonseca (2002). Assim, percebeu-se que, para as entrevistadas, a prática de contar histórias ajuda no desenvolvimento da socialização, no desenvolvimento emocional, bem como no interesse em começar a ler. Entretanto, falta planejamento para essa prática no contexto da escola. Além disso, partindo do princípio de que cada futuro leitor tem seu desenvolvimento, o professor precisa também ter o conhecimento das etapas formativas de seus alunos, fixando-se na metodologia voltada para crianças pequenas, tornar essa prática uma parte da rotina dos alunos. É necessário também, diferenciar a leitura de história e a contação de histórias, sabendo utilizar cada um em seu determinado espaço no planejamento, para que a criança, a partir dessa prática possa interagir e usar a sua criatividade.

**Palavras chave:** Contação de histórias; Educação infantil; Prática pedagógica; Literatura infantil.

### INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma prática que agrada professores e alunos, fazendo-os aprender de forma lúdica, e trabalhando a interatividade e a interpretação. Assim é possível trabalhar diversos temas dentro de sala de aula, portanto é importante que as pesquisas a respeito de tal tema sejam atualizadas. Diante disso, essa pesquisa foi iniciada a partir da vivência da autora como auxiliar de uma classe na Educação Infantil em uma escola particular do município de Mossoró. A discussão principal trazida será para analisar e colocar em foco a importância da contação de histórias na educação infantil a partir da ótica do profissional educador.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), [talitasouza321@gmail.com](mailto:talitasouza321@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor orientador: Mestre, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), [jonatas7andrade@hotmail.com](mailto:jonatas7andrade@hotmail.com).

A literatura infantil é necessária como prática pedagógica na sala de aula, principalmente na Educação Infantil, contar histórias para crianças abaixo de cinco anos, aquelas que em sua maioria ainda não sabem ler, deve ser visto não só como uma hora de lazer ou entretenimento, mas como um suporte valioso no desenvolvimento do aprendizado do aluno. Souza e Bernardino (2011) afirmam que a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A prática, entretanto, ainda é vista por muitos como uma ferramenta de entretenimento do aluno e não como ferramenta pedagógica. Como mostram Arboleya e Bringmann:

A prática de contação de histórias se configura como um recurso constante no cotidiano pedagógico, muitas vezes utilizado muito mais como um momento de lazer do que como um recurso metodológico. As personagens elencadas por meio da contação constituem-se, em sua grande maioria, de personagens clássicas que convivem ao lado de heróis da televisão através das outras atividades diárias da criança, muitas vezes, tomando o lugar das primeiras muito antes que o esperado (ARBOLEYA e BRINGMANN, 2008, p.13).

Além de ser uma ferramenta para desenvolvimento pedagógico, a contação literária oral pode auxiliar também no crescimento de futuros leitores assíduos. O Brasil é um país com apenas 56% de leitores em sua população, segundo o Instituto Pró-livro, que fez uma pesquisa retratada no livro Retratos da leitura no Brasil (2016), com cerca de cinco mil pessoas entrevistadas, sendo considerados leitores apenas aqueles que leram algum livro em até três meses anteriores a entrevista, todos os dados foram coletados pelo Ibope Inteligência. Portanto apenas um pouco mais da metade da população lê, levando em consideração também aqueles que leem apenas por indicação escolar, menos da metade gosta realmente de ler. Observando tal quadro é possível perceber a importância de um trabalho não só escolar como também cultural e familiar.

Machado (2002) afirma que não explorar a literatura desde cedo com as crianças é uma tolice, pois permite que a criança adquira o gosto pela leitura podendo viajar de diversas maneiras para infinitos lugares, dando margem a imaginação das crianças. Portanto, para que as crianças em iniciação hoje e para que os adultos de amanhã tenham gosto pela leitura, é preciso iniciar desde cedo a leitura, tanto em casa, com as famílias quanto na Educação Infantil (ALVES, 2011, p.14).

Como afirmam Souza e Bernardino (2011) contar histórias para os alunos é uma estratégia pedagógica que pode favorecer a prática docente na educação infantil, pois a

escuta estimula a imaginação, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de alfabetização, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade no processo de ensino e aprendizagem desenvolve a auto expressão, fazendo a criança sentir-se estimulada e assim desenvolve seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer que as narrativas criam, a criança pode desenvolver diversos tipos de aprendizagens.

## DESENVOLVIMENTO

### 1. A contação de histórias como estratégia lúdica para o aprendizado

A aprendizagem de forma lúdica é, para Luckesi (2004), atividade que propiciem momentos de plenitude e liberdade, não sendo mais importante o resultado final, e sim o momento trazido e as experiências vividas. Partindo dessa visão para ludicidade na Educação infantil, as narrativas do professor para os alunos podem ganhar um valor nos campos de experiência, seguindo a lógica da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois Os Campos enfatizam noções, habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças devem desenvolver dos zero aos cinco anos.

Para alunos que ainda não passaram pela alfabetização, o ouvir é a única forma de se aproximar da literatura, para eles a imaginação é a própria leitura. Para isso a estrutura de narração deve ser adaptada para cada idade, tendo a linguagem que ser de fácil compreensão e o ritmo do contador também deve acompanhar a capacidade de compreensão das crianças (SOUZA e BERNARDINO, 2011).

Já é sabido que as crianças da sociedade atual vivem em mundo cercado por tecnologia. Uma criança passa, hoje em dia, cada vez mais tempo com o celular, videogame e *tablet*, esse cenário pode ser também aproveitado para envolvimento do aluno em um ambiente que ele já domina. Para isso, o pedagogo pode incluir em seu planejamento histórias interativas, com enredos dinâmicos, como também o uso de imagens e sons que possam assim chamar a atenção desse aluno, contar histórias com uso de vídeos ou utilizar personagens do ambiente dos videogames. Depois o contador pode trazer uma interpretação daquela história em conjunto para assim despertar a interação para que a criança se identifique, gerando por meio disso uma afetividade do aluno para com a narrativa.

O contador de histórias pode perceber que esse suporte trará para as crianças um gosto não só por ouvir, como também por criar. Sendo necessário que a partir da literatura trabalhe-

se o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, a escrita e a vontade de ouvir novamente (SOUZA e BERNARDINO, 2011).

## **2. A importância da contação oral de histórias para formação de futuros leitores**

Segundo Arboleya e Bringmann (2008) é sabido hoje que a leitura é de demasiada importância para ampliação da capacidade de comunicação, desenvolvimento cognitivo, observação dos aspectos sociais, criticidade entre outros aspectos, entretanto, mesmo com esse conhecimento, muitas pessoas continuam sem possuir o hábito de ler. Isso acontece porque a formação de um leitor assíduo depende de seu contexto familiar e das articulações do ambiente sociocultural, ou seja, as formas como a família e a escola auxiliam no desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança.

É possível perceber que a leitura é trazida com muita seriedade a partir do início do ensino fundamental, que é quando a criança aprende efetivamente a ler, porém a vida literária do aluno deve se iniciar bem antes, na educação infantil.

A criança deve ser estimulada desde pequena pelo gosto da leitura, pois até os sete anos de idade que forma este gosto pela leitura. Não importa que a criança não saiba ainda fazer a leitura de um livro, pois o professor deve ler e, assim, dar esta referência de leitura para ela. A literatura infantil pode ser usada como recurso lúdico desenvolvendo na criança um comportamento prazeroso. É preciso tornar as crianças familiarizadas com os livros, orientando-as quanto ao manuseio e à sua conservação, já que com as histórias elas aprendem brincando (ALVES, 2011 p.12).

## **3. O educador e as estratégias pedagógicas**

Silva (2018) traz uma pesquisa feita com professoras que utilizavam a contação em sala de aula como proposta pedagógica, ela afirma que existe nas escolas o aumento gradativo de profissionais que buscam formação voltada para literatura e exposição de histórias. Porém, a oferta de cursos voltada para esta estratégia não garante que na prática as educadoras irão utilizá-las. Apesar disso, formações representam investimentos e avanços sobre esta temática. Levando em consideração a opinião do profissional que atuará com esta proposta, pode-se perceber se tal atividade é capaz de trazer prazer em ser exercida, não só pelo aluno, como também pelo professor. Depois, o docente que se propõe a utilização da escuta ativa poderá propor diversas situações de aprendizagem a partir da utilização das narrativas.

Esta demanda clarifica a expansão desta prática, as instituições escolares compreendem que a contação de histórias pode ser inserida em seus planejamentos com vistas ao processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do aluno, gerando experiências significativas tanto para o docente quanto para o discente (SILVA, 2018, p.73).

Na pesquisa de Silva (2018) as docentes descrevem que as narrativas contadas na sala provocam diferentes emoções, e que as crianças, naquele momento repetem gestos, esquecem os problemas de casa, os olhos brilham. Existe, portanto, até mesmo um ganho bem maior do que a construção de aprendizagem, existe uma troca de emoções.

## **METODOLOGIA**

A metodologia foi pautada em pesquisa qualitativa, iniciada com análise bibliográfica referente ao tema determinado. A abordagem segue o conceito de Fonseca (2002), quando ele traz a importância da pesquisa científica, afirmando que a pesquisa possibilita uma aproximação com a realidade a fim de fornecer subsídios para uma intervenção real. Para esse autor “a pesquisa é um processo permanentemente inacabado (...). A pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados concentrando-se na compreensão e explicação das dinâmicas e relações sociais” (FONSECA, 2002, p.20).

Na segunda parte do projeto, foram feitas entrevistas estruturadas com duas professoras, uma atuante na educação infantil e que desenvolve a prática aqui pesquisada dentro de sala de aula, e que aqui será tratada por professora “A”, e outra que leciona na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) disciplinas ligadas à literatura e educação infantil, e que será tratada por professora “B”. A entrevista contou com sete perguntas.

Posteriormente foi utilizada a mesma entrevista, e dadas as mesmas explicações. Sendo por último realizada a análise das informações por meio da interpretação ainda segundo Fonseca (2002), por meio da “Análise psicológica fenomenológica”, que se trata de dividir em quatro momentos essenciais, ler o material obtido, fragmentar o todo em unidades de significado, transformar a linguagem do sujeito em linguagem científica e sintetizar coerentemente as unidades de significado transformadas (FONSECA, 2002, p. 71).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Já a partir da pesquisa bibliográfica referencial é possível ver que a contação é uma prática lúdica e que dependendo da forma em que ela é aplicada e planejada na sala de aula pode desenvolver diferentes aprendizados. Partindo desse ponto foram feitas duas entrevistas com professoras que atuam na área de literatura e infância, para fomentar a reflexão acerca do tema.

Em primeiro lugar foi questionado se é realmente importante essa narrativa de histórias na sala de aula da educação infantil, já que a maioria ainda não sabe ler. Ambas responderam que sim, a professora B frisou que antes de tudo a literatura infantil tem que se inserir no contexto da escola ainda nos primeiros anos de vida, e com a escuta de histórias a criança pode ter esse primeiro contato com histórias. A professora A ressaltou o quanto essa prática aguça a imaginação, algo que é característico dos primeiros anos escolares.

Depois, foi questionado se é possível utiliza-la como prática pedagógica. Mais uma vez ambas responderam que sim, a professora A disse que pode ser utilizada tanto para inserir um conteúdo programado, como também apenas para leitura deleite. A professora B, respondeu que “é uma atividade que deve ser desenvolvida no contexto da escola justamente porque ela faz parte dos ritos iniciais da formação do leitor, quando a criança chega entusiasmada querendo conhecer todas as coisas, os livros, ela não tem domínio ainda da escrita ou da leitura, mas ela pode ouvir o professor narrando essa história”.

A terceira questão discutida foi se esse é um método reconhecido e trazido em sala de aula atualmente. A professora A ressaltou que já houve tempos em que as crianças só tinham acesso a literaturas quando faziam algo errado em sala de aula e o “castigo” era ficar na biblioteca, assim, portanto ela considera que hoje existe um contato com histórias em sala cada vez maior. A professora B diz que “A prática precisa ser revista, para reconhecer o potencial das narrativas, saber em que essa leitura contribui para a formação desses futuros leitores, mesmo sendo uma prática em que as crianças vão apenas ouvir, e ver o professor contando. Então o que eu vejo é uma falta de planejamento para essa prática pedagógica”.

Na questão quatro foi perguntado o que a criança que ainda não pode ler desenvolve através da contação de histórias. A professora A frisa que para iniciar o aprendizado não é necessário saber ler, “portanto ao lermos para uma criança ela consegue, sim, aprender, bem como exemplificar o que existia na história, comparando com sua realidade”. A professora B respondeu que de acordo com Iser<sup>3</sup> que traz a recepção estética como teoria, existe entre o texto e o leitor, e que no caso da criança ela irá desenvolver através da escuta, da imaginação,

---

<sup>3</sup> Iser, citado pela professora B, entende-se que seja Wolfgang Iser, teórico e professor de Inglês e Literatura.

e da atenção propiciada tanto pela narrativa quanto pelos elementos que o professor pode utilizar na hora de contar essa história.

Por último foi questionado se elas utilizam ou já utilizaram essas práticas, e se sim, quais os resultados obtidos. A professora A respondeu que conta histórias para seus alunos do maternal II de uma Unidade de Educação Infantil (UEI) duas vezes por semana e seus resultados são satisfatórios para a maior parte das crianças. A professora B diz que gosta de levar literatura para sua sala de aula, para ajudar a enxergar a vida sob um olhar mais sensível. Além disso, utilizou a prática da contação dentro de um projeto de literatura nas escolas, o BALE<sup>4</sup>, que utiliza a prática de contar histórias no dia-a-dia. Ela ainda frisa que é necessário diferenciar a leitura de histórias e contação de histórias, pois “ler histórias é quando você utiliza o texto na íntegra, sem modifica-lo, e contar histórias é fazer uso da criatividade e narrar a história sem que seja necessário uso do texto com todas as palavras ou ideias existentes nela”.

Para ambas as entrevistadas a contação é uma prática que contribui para o processo de aprendizagem bem como para a formação de crianças que gostem de ler, a professora B coloca ao final, em sua conclusão, que “os resultados eram muito visíveis, as crianças se envolviam com a prática, enquanto acontecia, elas ficavam observando, atentas a cada detalhe, gesto e até modificação do tom de voz. Principalmente para crianças pequenas, onde elas se utilizam da imaginação para tentar se envolver na narrativa”. A professora A diz que dentro das histórias existe um universo maravilhoso através do faz de conta, que pode aguçar a aprendizagem, como também desenvolver sua identidade e autonomia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber, por meio desta pesquisa, que a contação oral de histórias para crianças de Educação Infantil é uma prática importante no desenvolvimento pedagógico e de socialização das crianças, além de ser também de importante ajuda na formação de leitores que gostem de ler, já que a leitura traz a imaginação, e estimula a veia criativa da criança. Para isso é preciso não só o investimento escolar nesse método, também a inserção de um planejamento que contenha tal prática, de forma que possa fazer parte da rotina requerida na educação infantil, assim como coloca Silva (2018):

---

<sup>4</sup> BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas.

Outro fator intrínseco a contação de histórias outorga atenção especial a interação e mediação por uma visão holística e abordagem sistêmica que considera a unicidade das partes que compõem o outro, não o vê apenas como metades isoladas. Nas narrativas o papel decisivo se detém na função comunicativa, na linguagem, gestos e expressões como instrumentos reguladores por excelência das ações e do pensamento; neste sentido elas reconhecem o ser como sujeito ativo de trocas e inter-relações (SILVA, 2018, p. 28).

Além disso, o professor tem um importante papel nesse primeiro contato das crianças pequenas com as histórias literárias, a partir da inserção de um planejamento propício, utilizando-se de ludicidade, estratégias como fantoche, teatro ou a própria prosódia, deixando essa história ainda mais interessante para a criança. Assim concluindo que a contação de histórias é uma atividade prazerosa, em que a criança poderá expressar-se e exercitar sua criatividade, promovendo um caminho de aprendizagem favorável para desenvolver a processos como a alfabetização e letramento, posteriormente desenvolver o gosto pela prática de ouvir e conseqüentemente de ler prazerosamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBOLEYA, Valdinei; BRINGMANN, Danieli. **Literatura infantil, contação de histórias e mídia: Alternativas metodológicas e prática pedagógica.** UNIOESTE – Cascavel (PE), 2008.

ALVES, Cláudia C. Gorte. **A contação de histórias na educação infantil como processo de formação de leitores.** Revista Fapciência, Apucarana – PR, v.8, n.2, p.11 – 15, 2011.

SOUZA, Linete Oliveira; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** Revista Educere Et Educare, Vol. 6 nº, 2011.

SILVA, Valéria. **O professor da educação infantil e a contação de histórias.** 2018. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Acesso disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.569>.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2002.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 4.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.



LUCKESI, Cipriano. Estados de consciência e atividades lúdicas. In: PORTO, Bernadete. **Educação e ludicidade**. Ensaios 3. Salvador: UFBA, 2004, pp. 11-20.